

# O Livro dos Médiuns



*Allan Kardec*

## PARTE II – CAPÍTULO XXIV Identidade dos Espíritos

## Índice

Assunto	Origem	Página
<b>01. Provas possíveis de identidade</b>	O Livro dos Médiuns	03
<b>As provas possíveis de identidade – 1</b>	Centro Espírita Batuira	06
<b>As provas possíveis de identidade – 2</b>	Centro Espírita Batuira	07
<b>As provas possíveis de identidade – 3</b>	Centro Espírita Batuira	08
<b>02. Modo de distinguirem os bons dos maus     Espíritos</b>	O Livro dos Médiuns	09
<b>Distinguir</b>	O problema do ser, do destino e da dor	13
<b>2. Atitudes dos Espíritos diante das         mistificações</b>	Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita	14
<b>03. Questões sobre a natureza e identidade dos     Espíritos</b>	O Livro dos Médiuns	15
<b>Natureza e identidade dos Espíritos</b>	O Consolador	20
<b>Identificação das fontes de comunicação</b>	O Consolador	22

## Parte II – Das manifestações Espíritas.

### Capítulo XXIV – Identidade dos Espíritos

#### 1. Provas possíveis de identidade

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.

A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. Se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se somente diz coisas dignas do caráter de Fénelon e que este não se furtaria a subscrever, há, senão prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. Nesse caso, sobretudo, é que a identidade real se torna uma questão acessória. Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual as diga.

Objetar-se-á, sem dúvida, que o Espírito que tome um nome suposto, ainda que só para o bem, não deixa de cometer uma fraude: não pode, portanto, ser um Espírito bom. Aqui, há delicadezas de matizes muito difíceis de apanhar e que vamos tentar desenvolver.

256. À medida que os Espíritos se purificam e elevam na hierarquia, os caracteres distintivos de suas personalidades se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição; nem por isso, entretanto, conservam eles menos suas individualidades. É o que se dá com os Espíritos superiores e os Espíritos puros. Nessa culminância, o nome que tiveram na Terra, em uma das mil existências corporais efêmeras por que passaram, é coisa absolutamente insignificante. Notemos mais que os Espíritos são atraídos uns para os outros pela semelhança de suas qualidades e formam assim grupos, ou famílias, por simpatia. De outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter galgado as fileiras mais altas e se o compararmos ao número tão restrito dos homens que hão deixado um grande nome na Terra, compreenderemos que, entre os Espíritos superiores, que podem comunicar-se, a maioria deve carecer de nomes para nós.

Porém, como de nomes precisamos para fixarmos as nossas idéias, podem eles tomar o de uma personagem conhecida, cuja natureza mais identificada seja com a deles. É assim que os nossos anjos guardiães se fazem as mais das vezes conhecer pelo nome de um dos santos que veneramos e, geralmente, pelo daquele que nos inspira mais simpatia. Segue-se daí que, se o anjo guardião de uma pessoa se dá como sendo S. Pedro, por exemplo, ela nenhuma prova material pode ter de que seja exatamente o apóstolo desse nome. Tanto pode ser ele, como um Espírito desconhecido inteiramente, mas pertencente à família de Espíritos de que faz parte São Pedro. Segue-se ainda que, seja qual for o nome sob que alguém invoque o seu anjo guardião, este acudirá ao apelo que lhe é dirigido, porque o que o atrai é o pensamento, sendo-lhe indiferente o nome.

O mesmo ocorre todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida. Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada diz que desminta o caráter desta última, há presunção de ser o próprio e, em todos os casos, se pode dizer que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação, ou talvez até um enviado seu. Em resumo, a questão de nome é secundária, podendo-se considerar o nome como simples indício da categoria que ocupa o Espírito na escala espírita.

O caso muda de figura, quando um Espírito de ordem inferior se adorna com um nome respeitável, para que suas palavras mereçam crédito e este caso é de tal modo frequente que

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

toda precaução não será demasiada contra semelhantes substituições. Graças a esses nomes de empréstimo e, sobretudo, com o auxílio da fascinação, é que alguns Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram tornar aceitas as mais ridículas idéias.

A questão da identidade é, pois, como dissemos, quase indiferente, quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores consequências. Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com exceções raras, desconhecidas. Não é a pessoa deles o que nos interessa, mas o ensino que nos proporcionam. Ora, desde que esse ensino é bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro, ou Paulo. Deve ele ser julgado pela sua qualidade e não pelas suas insígnias. Se um vinho é mau, não será a etiqueta que o tornará melhor. Outro tanto já não sucede com as comunicações íntimas, porque aí é o indivíduo, a sua pessoa mesma que nos interessa; muito razoável, portanto, é que, nessas circunstâncias, procuremos certificar-nos de que o Espírito que atende ao nosso chamado é realmente aquele que desejamos.

257. Muito mais fácil de se comprovar é a identidade, quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos se conhecem, porque, precisamente, esses hábitos, de que eles ainda não tiveram tempo de despojar-se, são que os fazem reconhecíveis e desde logo dizemos que isso constitui um dos sinais mais seguros de identidade. Pode, sem dúvida, o Espírito dar provas desta, atendendo ao pedido que se lhe faça; mas, assim só procede quando lhe convenha. Geralmente, semelhante pedido o magoa, pelo que deve ser evitado. Com o deixar o seu corpo, o Espírito não se despojou da sua suscetibilidade; agasta-o toda questão que tenha por fim pô-lo à prova. Perguntas há que ninguém ousaria dirigir-lhe, se ele se apresentasse vivo, pelo receio de faltar às conveniências; por que se lhe há de dispensar menos consideração, depois da sua morte? A um homem, que se apresente num salão, declinando o seu nome, irá alguém pedir-lhe, à queima-roupa, sob o pretexto de haver impostores, que prove ser quem diz que é? Certamente, esse homem teria o direito de lembrar ao interrogante as regras de civilidade. É o que fazem os Espíritos, não respondendo, ou retirando-se. Façamos, para exemplo, uma comparação. Suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, se apresentasse numa casa onde ninguém o conhecesse e que o apostrofassem deste modo: Dizeis que sois Arago, mas, não vos conhecemos; dignai-vos de prová-lo, respondendo às nossas perguntas. Resolvi tal problema de Astronomia; dizei-nos o vosso nome, prenome, os de vossos filhos, o que fazíeis em tal dia, a tal hora, etc. Que responderia ele? Pois bem: como Espírito, fará o que teria feito em vida e os outros Espíritos procedem da mesma maneira.

258. Ao passo que se recusam a responder a perguntas pueris e extravagantes, que toda gente teria escrúpulo em lhes dirigir, se vivos fossem, os Espíritos dão espontaneamente provas irrecusáveis de sua identidade, por seus caracteres, que se revelam na linguagem de que usam, pelo emprego das palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de suas vidas, às vezes desconhecidas dos assistentes e cuja exatidão se pode verificar. As provas de identidade ressaltam, além disso, de um sem-número de circunstâncias imprevistas, que nem sempre se apresentam na primeira ocasião, mas que surgem com a continuação das manifestações. Convém, pois, esperá-las, sem as provocar, observando-se cuidadosamente todas as que possam decorrer da natureza das comunicações. (Veja-se o fato referido em o nº 70.)

259. Um meio empregado, às vezes com êxito, para se conseguir identificar um Espírito que se comunica, quando ele se torna suspeito, consiste em fazê-lo afirmar, em nome de Deus todo-poderoso, que é realmente quem diz ser. Sucede frequentemente que o que se apresentou com um nome usurpado recua diante do sacrilégio e que, tendo começado a dizer: Afirmo, em nome de... pára e traça, colérico, riscos sem valor no papel, ou quebra o lápis. Se é mais hipócrita, ladeia a questão, mediante uma restrição mental, escrevendo, por exemplo: Certifico-vos que digo a verdade, ou então: Atesto, em nome de Deus, que sou mesmo eu quem vos fala, etc. Alguns há, entretanto, nada escrupulosos, que juram tudo o que se lhes exigir. Um desses se comunicou a

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

um médium, dizendo-se Deus, e o médium, honrado com tão alta distinção, não hesitou em acreditá-lo. Evocado por nós, não ousou sustentar a sua impostura e disse: Não sou Deus, mas sou seu filho. — És então Jesus? Isto não é provável, porquanto Jesus está muito altamente colocado para empregar um subterfúgio. Ousas, não obstante, afirmar que és o Cristo? — Não digo que sou Jesus; digo que sou filho de Deus, porque sou uma de suas criaturas.

Deve-se concluir daí que o recusar um Espírito afirmar a sua identidade, em nome de Deus, é sempre uma prova manifesta de que o nome que ele tomou é uma impostura; mas também que, se ele o afirma, essa afirmação não passa de uma presunção, não constituindo prova certa.

260. Igualmente se pode incluir entre as provas de identidade a semelhança da caligrafia e da assinatura; mas, além de que nem a todos os médiuns é dado obter esse resultado, ele não representa, invariavelmente, uma garantia bastante. Há falsários no mundo dos Espíritos, como os há neste. Aí não se tem, pois, mais do que uma presunção de identidade, que só adquire valor pelas circunstâncias que a acompanhem. O mesmo ocorre com todos os sinais materiais, que algumas pessoas têm como talismãs inimitáveis para os Espíritos mentirosos. Para os que ousam perjurar ao nome de Deus, ou falsificar uma assinatura, nenhum sinal material pode oferecer obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.

261. Dir-se-á, sem dúvida, que, se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode perfeitamente imitar a linguagem. É exato; alguns temos visto tomar atrevidamente o nome do Cristo e, para impingirem a mistificação, simulavam o estilo evangélico e pronunciavam a torto e a direito estas bem conhecidas palavras: Em verdade, em verdade vos digo. Estudando, porém, sem prevenção, o ditado, em seu conjunto, perscrutando o fundo das idéias, o alcance das expressões, quando, a par de belas máximas de caridade, se veem recomendações pueris e ridículas, fora preciso estar fascinado para que alguém se equivocasse. Sim, certas partes da forma material da linguagem podem ser imitadas, mas não o pensamento. Jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude. Em qualquer ponto, sempre aparecerá a pontinha da orelha. É então que o médium, assim como o evocador, precisam de toda a perspicácia e de toda a ponderação, para destrinçar a verdade da impostura. Devem persuadir-se de que os Espíritos perversos são capazes de todos os ardis e de que, quanto mais venerável for o nome com que um Espírito se apresenta, tanto maior desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm tido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria, ou um santo venerado!

**As provas possíveis de identidade – 1**

Retomando a questão da identidade dos Espíritos, uma das mais controvertidas mesmo entre os espíritas, é importante lembrar que os Espíritos não trazem documentos de identificação e sabe-se com que facilidade alguns deles usam nomes emprestados, o que representa para os pesquisadores, sempre cautelosos, dificuldades e dúvidas na identificação das personagens que os Espíritos afirmam ser.

A questão seria de mais fácil solução se os pesquisadores avaliassem a linguagem dos Espíritos, como recomenda Allan Kardec, esclarecendo inclusive, que se um Espírito se apresenta, por exemplo, com o nome de Fénelon, dizendo trivialidades e puerilidades, é evidente que não pode ser ele.

Não consideram esses pesquisadores, que a morte é apenas um desvestir de roupagem, uma, transferências de posição vibratória, sem que ocorram grandes modificações na personalidade.

O Espírito desencarnado, via de regra, não se adapta de imediato à nova realidade, a memória passa por condicionamentos impostos pelas emoções; o esquecimento faz com que experiências comuns apaguem-se na memória, datas se diluem, lembranças se anulam temporariamente. Lentamente, depois de processos cuidadosos de recuperação, voltam a consciência, a lucidez e as recordações, como ocorre após choques traumáticos.

Nas tentativas de identificação, supõem-se que os Espíritos desencarnados permaneçam “parados no tempo”, fazendo-se identificar por vocabulário, posturas, vestimentas sem nenhuma modificação quanto à forma como se apresentavam enquanto ligados ao corpo material. Não consideram que as transformações estão a acontecer periodicamente, de acordo com as experiências a que estão sujeitos.

Além disso, é necessário considerar que os Espíritos esclarecidos não se preocupam em se apresentar com as características da vida material; não se impressionam com os formalismos, paixões sociais ou caprichos familiares. Eles estão mais interessados no conteúdo que na forma de suas mensagens.

Bibliografia:

**Kardec Allan**, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXIV)

**Manoel Philomeno de Miranda**, Mediunidade: Desafios e Benção), (psicografia Divaldo Franco), (Cap. 3)

**As provas possíveis de identidade – 2**

A questão de identidade dos Espíritos, uma das mais controvertidas mesmo entre os espíritas, foi analisada por Allan Kardec e mereceu um capítulo composto de catorze questões que propõem as mais diferentes reflexões sobre o assunto.

Destacou o Codificador que à medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, as características distintivas da personalidade vão sendo substituídas pelo aperfeiçoamento espiritual mesmo conservando a individualidade. Agrupam-se os Espíritos Superiores e Puros pela semelhança de suas qualidades e formam famílias simpáticas. A questão do nome para eles também não tem a menor importância; fazem-se conhecer pelo nome de alguém que tenha sido venerável conforme isso seja importante para nós. Podem apresentar-se com sendo Pedro, mesmo não sendo o apóstolo, mas apresentando as condições morais que caracterizam os Espíritos nas condições dele.

Se a questão do nome é secundária, o mesmo não ocorre quando um Espírito de ordem inferior se enfeita com um nome respeitável para se fazer acreditar. É necessária atenção para esses casos porque, com a ajuda da fascinação, é que certos Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram impor ideias as mais estranhas, influenciando médium e grupos mediúnicos invigilantes e sem estudo.

Há na bibliografia espírita e também no movimento espírita, segundo Herculano Pires, a citação de casos de Espíritos que conseguiram infiltrar-se em respeitáveis setores da divulgação doutrinária, ocasionando graves prejuízos à aceitação do espiritismo por pessoas sensatas e instruídas, assim como ideias absurdas e ridículas se propagam no meio doutrinário, defendidas por pessoas cultas, às vezes dedicadas ao movimento, mas pouco atentas às advertências contidas em O Livro dos Médiuns.

**Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXIV)

**Manoel Philomeno de Miranda**, Mediunidade: Desafios e Benção), (psicografia Divaldo Franco), (Cap. 3)

**As provas possíveis de identidade – 3**

Ainda refletindo sobre a identidade dos Espíritos e como identificá-los quando isso se fizer necessário, Allan Kardec esclarece que se torna mais fácil reconhecê-los quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos hábitos e caráter são conhecidos, pois são esses hábitos, de que ainda não tiveram tempo de se livrar, que permitem reconhecê-los.

Há que se considerar qual a necessidade de identificar determinado Espírito, ou seja, qual é a finalidade? É para esclarecimento, consolação e constatação da imortalidade? Pode-se buscar na personalidade, no caráter, no conjunto desses sinais a comprovação necessária, mas ainda levando em consideração o papel do médium na comunicação, que pode ser um filtro que, por suas condições humanas, com necessidades, conquistas, realizações, contribui com algo pessoal na transmissão da mensagem.

Um Espírito pode imitar uma assinatura, fornecer informações e conhecimentos, fornecer nome, até mesmo o do Cristo foi colocado em mensagens que analisadas não resistiram ao bom senso e prudência do Codificador.

Certamente, a identificação de Espíritos é muito importante na área das pesquisas constatando a imortalidade, e Allan Kardec aplicou métodos e regras para proceder a identificação dos Espíritos que deram depoimentos e os que colaboraram na Codificação, utilizando como critério principal, a análise do conteúdo moral da comunicação recebida.

**Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXIV), (q. 257 a 261)

**Manoel Philomeno de Miranda**, Mediunidade: Desafios e Benção), (psicografia Divaldo Franco), (Cap. 3)



## 2. Modo de distinguirem os bons dos maus Espíritos

262. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. Pode ser-nos indiferente a individualidade deles; suas qualidades, nunca. Em todas as comunicações instrutivas, é sobre este ponto, conseguintemente, que se deve fixar a atenção, porque só ele nos pode dar a medida da confiança que devemos ter no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome sob que o faça. É bom, ou mau, o Espírito que se comunica? Em que grau da escala espírita se encontra? Eis as questões capitais. (Veja-se: “Escala espírita”, em O Livro dos Espíritos, nº 100.)

263. Já dissemos que os Espíritos devem ser julgados, como os homens, pela linguagem de que usam. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelas idéias, por uma imensidade de indícios, enfim, verificará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc. Assim, também, com os Espíritos. Devemos considerá-los correspondentes que nunca vimos e procurar conhecer o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas. Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que — a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado. Os Espíritos realmente superiores não só dizem unicamente coisas boas, como também as dizem em termos isentos, de modo absoluto, de toda trivialidade. Por melhores que sejam essas coisas, se uma única expressão denotando baixeza as macula, isto constitui um sinal indubitável de inferioridade; com mais forte razão, se o conjunto do ditado fere as conveniências pela sua grosseria. A linguagem revela sempre a sua procedência, quer pelos pensamentos que exprime, quer pela forma, e, ainda mesmo que algum Espírito queira iludir-nos sobre a sua pretensa superioridade, bastará conversarmos algum tempo com ele para a apreciarmos.

264. A bondade e a afabilidade são atributos essenciais dos Espíritos depurados. Não têm ódio, nem aos homens, nem aos outros Espíritos. Lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem animosidade. Admita-se que os Espíritos verdadeiramente bons não podem querer senão o bem e dizer senão coisas boas e se concluirá que tudo o que denote, na linguagem dos Espíritos, falta de bondade e de benignidade não pode provir de um bom Espírito.

265. A inteligência longe está de constituir um indício certo de superioridade, porquanto a inteligência e a moral nem sempre andam emparelhadas. Pode um Espírito ser bom, afável, e ter conhecimentos limitados, ao passo que outro, inteligente e instruído, pode ser muito inferior em moralidade.

É crença bastante generalizada que, interrogando-se o Espírito de um homem que, na Terra, foi sábio em certa especialidade, com mais segurança se obterá a verdade. Isto é lógico; entretanto, nem sempre é o que se dá. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os demais homens, sobretudo os desencarnados de pouco tempo, ainda se acham sob o império dos preconceitos da vida corpórea; eles não se despojam imediatamente do espírito de sistema. Pode, pois, acontecer que, sob a influência das idéias que esposaram em vida e das quais fizeram para si um título de glória, vejam com menos clareza do que supomos. Não apresentamos este princípio como regra; longe disso. Dizemos apenas que o fato se dá e que, por conseguinte, a ciência humana que eles possuem não constitui sempre uma prova da sua infalibilidade, como Espíritos.

266. Em se submetendo todas as comunicações a um exame escrupuloso, em se lhes perscrutando e analisando o pensamento e as expressões, como é de uso fazer-se quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando-se, sem hesitação, tudo o que peque contra a lógica e

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

o bom-senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que se supõe ser o que se está manifestando, leva-se o desânimo aos Espíritos mentirosos, que acabam por se retirar, uma vez fiquem bem convencidos de que não lograrão iludir. Repetimos: este meio é único, mas é infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os bons espíritos nunca se ofendem com esta, pois que eles próprios a aconselham e porque nada têm que temer do exame. Apenas os maus se formalizam e procuram evitá-lo, porque tudo têm a perder. Só com isso provam o que são.

Eis aqui o conselho que a tal respeito nos deu São Luís:

“Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, uma recomendação há que nunca será demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de pesar e meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro.”

267. Podem resumir-se nos princípios seguintes os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos:

1º Não há outro critério, senão o bom-senso, para se aquilatar do valor dos Espíritos. Absurda será qualquer fórmula que eles próprios deem para esse efeito e não poderá provir de Espíritos superiores.

2º Apreciam-se os Espíritos pela linguagem de que usam e pelas suas ações. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão.

3º Admitido que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, de um bom Espírito não pode provir o que tenda para o mal.

4º Os Espíritos superiores usam sempre de uma linguagem digna, nobre, elevada, sem eiva de trivialidade; tudo dizem com simplicidade e modéstia, jamais se vangloriam, nem se jactam de seu saber, ou da posição que ocupam entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares sempre algo refletem das paixões humanas. Toda expressão que denote baixeza, pretensão, arrogância, fanfarronice, acrimônia, é indício característico de inferioridade e de embuste, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.

5º Não se deve julgar da qualidade do Espírito pela forma material, nem pela correção do estilo. É preciso sondar-lhe o íntimo, analisar-lhe as palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Qualquer ofensa à lógica, à razão e à ponderação não pode deixar dúvida sobre a sua procedência, seja qual for o nome com que se ostente o Espírito. (Nº 224.)

6º A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, em qualquer tempo e em todo lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as faculdades que encontrem para se comunicar; porém, jamais serão contraditórios. Se duas comunicações, firmadas pelo mesmo nome, se mostram em contradição, uma das duas é evidentemente apócrifa e a verdadeira será aquela em que nada desminta o conhecido caráter da personagem. Sobre duas comunicações assinadas, por exemplo, com o nome de São Vicente de Paulo, uma das quais propendendo para a união e a caridade e a outra tendendo para a discórdia, nenhuma pessoa sensata poderá equivocar-se.

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

7º Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com desassombro, sem se preocuparem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom-senso, aponta a fraude, desde que o Espírito se dê por ser um Espírito esclarecido.

8º Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos, pela facilidade com que predizem o futuro e precisam fatos materiais de que não nos é dado ter conhecimento. Os bons Espíritos fazem que as coisas futuras sejam pressentidas, quando esse pressentimento convenha; nunca, porém, determinam datas. A previsão de qualquer acontecimento para uma época determinada é indício de mistificação.

9º Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem prolixidade. Têm o estilo conciso, sem exclusão da poesia das idéias e das expressões, claro, inteligível a todos, sem demandar esforço para ser compreendido. Têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão. Os Espíritos inferiores, ou falsos sábios, ocultam sob o empolamento, ou a ênfase, o vazio de suas idéias. Usam de uma linguagem pretensiosa, ridícula, ou obscura, à força de quererem pareça profunda.

10º Os bons Espíritos nunca ordenam; não se impõem, aconselham e, se não são escutados, retiram-se. Os maus são imperiosos; dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam, haja o que houver. Todo Espírito que impõe trai a sua inferioridade. São exclusivistas e absolutos em suas opiniões; pretendem ter o privilégio da verdade. Exigem crença cega e jamais apelam para a razão, por saberem que a razão os desmascararia.

11º Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam o bem-feito, mas sempre com reserva. Os maus prodigalizam exagerados elogios, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram exaltar a importância pessoal daqueles a quem desejam captar.

12º Os Espíritos superiores desprezam, em tudo, as puerilidades da forma. Só os Espíritos vulgares ligam importância a particularidades mesquinhas, incompatíveis com idéias verdadeiramente elevadas. Toda prescrição meticulosa é sinal certo de inferioridade e de fraude, da parte de um Espírito que tome um nome imponente.

13º Deve-se desconfiar dos nomes singulares e ridículos, que alguns Espíritos adotam, quando querem impor-se à credulidade; fora soberanamente absurdo tomar a sério, semelhantes nomes.

14º Deve-se igualmente desconfiar dos Espíritos que com muita facilidade se apresentam, dando nomes extremamente venerados, e não lhes aceitar o que digam, senão com muita reserva. Aí, sobretudo, é que uma verificação severa se faz indispensável, porquanto isso não passa muitas vezes de uma máscara que eles tomam, para dar a crer que se acham em relações íntimas com os Espíritos excelsos. Por esse meio, lisonjeiam a vaidade do médium e dela se aproveitam frequentemente para induzi-lo a atitudes lamentáveis e ridículas.

15º Os bons Espíritos são muito escrupulosos no tocante às atitudes que hajam de aconselhar. Elas, qualquer que seja o caso, nunca deixam de objetivar um fim sério e eminentemente útil. Devem, pois, ter-se por suspeitas todas as que não apresentam este caráter, ou sejam condenáveis perante a razão, e cumpre refletir maduramente antes de tomá-las, a fim de evitarem-se mistificações desagradáveis.

16º Também se reconhecem os bons Espíritos pela prudente reserva que guardam sobre todos os assuntos que possam trazer comprometimento. Repugna-lhes desvendar o mal, enquanto que aos Espíritos levianos, ou malfazejos apraz pô-lo em evidência. Ao passo que os bons procuram atenuar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a cizânia, por meio de insinuações pérfidas.

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

17º Os bons Espíritos só prescrevem o bem. Máxima nenhuma, nenhum conselho, que se não conformem estritamente com a pura caridade evangélica, podem ser obra de bons Espíritos.

18º Jamais os bons Espíritos aconselham senão o que seja perfeitamente racional. Qualquer recomendação que se afaste da linha reta do bom-senso, ou das leis imutáveis da Natureza, denuncia um Espírito atrasado e, portanto, pouco merecedor de confiança.

19º Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, ainda se traem por indícios materiais, a cujo respeito ninguém se pode enganar. A ação deles sobre o médium é às vezes violenta e provoca movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva, que destoa da calma e da doçura dos bons Espíritos.

20º Muitas vezes, os Espíritos imperfeitos se aproveitam dos meios de que dispõem, de comunicar-se, para dar conselhos pérfidos. Excitam a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos. Especialmente os que lhes podem desmascarar as imposturas são objeto da maior animadversão da parte deles. Alvejam os homens fracos, para os induzir ao mal. Empregando alternativamente, para melhor convencê-los, os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até demonstrações materiais do poder oculto de que dispõem, se empenham em desviá-los da senda da verdade.

21º Os Espíritos dos que na Terra tiveram uma única preocupação, material ou moral, se se não desprenderam da influência da matéria, continuam sob o império das idéias terrenas e trazem consigo uma parte dos preconceitos, das predileções e mesmo das manias que tinham neste mundo. Fácil é isso de reconhecer-se pela linguagem de que se servem.

22º Os conhecimentos de que alguns Espíritos se enfeitam, às vezes, com uma espécie de ostentação, não constituem sinal da superioridade deles. A inalterável pureza dos sentimentos morais é, a esse respeito, a verdadeira pedra de toque.

23º Não basta se interrogue um Espírito para conhecer-se a verdade. Precisamos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos; porquanto, os Espíritos inferiores, ignorantes que são, tratam frivolamente das questões mais sérias. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem, para que, no mundo espírita, se ache de posse da soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, aproximá-lo de Deus e dilatar-lhe os conhecimentos.

24º Da parte dos Espíritos superiores, o gracejo é muitas vezes fino e vivo, nunca, porém, trivial. Nos Espíritos zombadores, quando não são grosseiros, a sátira mordaz é, não raro, muito apropriada.

25º Estudando-se cuidadosamente o caráter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, reconhecem-se-lhes a natureza e o grau de confiança que devem merecer. O bom-senso não poderia enganar.

26º Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Muita gente há, infelizmente, que toma suas próprias opiniões pessoais como paradigma exclusivo do bom e do mau, do verdadeiro e do falso; tudo o que lhes contradiga a maneira de ver, a, suas idéias e ao sistema que conceberam, ou adotaram, lhes parece mau. A semelhante gente evidentemente falta a qualidade primacial para uma apreciação sã: a retidão do juízo. Disso, porém, nem suspeitam. É o defeito sobre que mais se iludem os homens. Todas estas instruções decorrem da experiência e dos ensinamentos dos Espíritos. Vamos completá-las com as próprias respostas que eles deram, sobre os pontos mais importantes.

**Distinguir**

Pergunta-se também: como se pode distinguir, na vasta massa das comunicações, cujos autores são invisíveis, o que provém das entidades superiores e deve ser conservado? Para essa pergunta há uma só resposta. Como distinguimos nós os bons e maus livros dos autores falecidos há muito tempo? Como distinguir uma linguagem nobre e elevada de uma linguagem banal e vulgar? Não temos nós um estalão, uma regra para aquilatar os pensamentos, provenham eles do nosso mundo ou do outro? Podemos julgar as mensagens medianímicas principalmente pelos seus efeitos moralizadores, que inúmeras vezes têm melhorado muitos caracteres e purificado muitas consciências. É esse o critério mais seguro de todo o ensino filosófico.

Em nossas relações com os invisíveis há também meios de reconhecimento para distinguir os bons Espíritos das almas atrasadas. Os sensitivos reconhecem facilmente a natureza dos fluidos, que, nos Espíritos bons, são sutis, agradáveis, e, nos maus, são violentos, glaciais, custosos de suportar. Um dos nossos médiuns anunciava sempre com antecipação a chegada do “Espírito azul”, cuja presença era revelada por vibrações harmoniosas e radiações brilhantes. (1)

Outros há que certos médiuns distinguem pelo cheiro. Delicados, suaves nuns, são esses cheiros repugnantes noutros. Avalia-se a elevação de um Espírito pela pureza dos seus fluidos, pela beleza da sua forma e da sua linguagem.

Nessa ordem de investigações, o que mais impressiona, persuade e convence, são as conversas travadas com os nossos parentes e amigos que nos precederam na vida do Espaço. Quando provas incontestáveis de identidade nos têm dado a certeza da sua presença, quando a intimidade de outrora, a confiança e a familiaridade reinam de novo entre eles e nós, as revelações, que nestas condições se obtêm, tomam um caráter dos mais sugestivos. Diante delas, as últimas hesitações do cepticismo dissipam-se forçosamente, dando lugar aos impulsos do coração.

(1) Durante as sessões de Stainton Moses produziu-se o mesmo fenômeno: “As principais personalidades que se manifestavam com S. Moses, dizem os relatores, anunciavam geralmente a sua presença por meio de um som musical invariável para cada uma delas e que permitia identificá-las”.

(Anais das Ciências Psíquicas, fevereiro de 1905, pág. 91).

## 2. Atitudes dos Espíritas diante das mistificações

Pergunta-se também: como se pode distinguir, na vasta massa das comunicações, cujos autores são invisíveis, o que provém das entidades superiores e deve ser conservado?

Para essa pergunta há uma só resposta.

Como distinguimos nós os bons e maus livros dos autores falecidos há muito tempo?

Como distinguir uma linguagem nobre e elevada de uma linguagem banal e vulgar?

Não temos nós um estalão [padrão], uma regra para aquilatar os pensamentos, provenham eles do nosso mundo ou do outro?

Podemos julgar as mensagens medianímicas principalmente pelos seus efeitos moralizadores, que inúmeras vezes têm melhorado muitos caracteres e purificado muitas consciências.

É esse o critério mais seguro de todo o ensino filosófico.

Em nossas relações com os Invisíveis há também meios de reconhecimento para distinguir os bons Espíritos das almas atrasadas.

Os sensitivos reconhecem facilmente a natureza dos fluidos, que, nos Espíritos bons, são sutis, agradáveis, e, nos maus, são violentos, glaciais, custosos de suportar. [...] Avalia-se a elevação de um Espírito pela pureza dos seus fluidos, pela beleza da sua forma e da sua linguagem. (1)

(1) O problema do ser do destino e da dor. (cap. 2), (O critério da doutrina dos espíritos), (p. 47-48.)

### 3. Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos

268. Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos

1ª Por que sinais se pode reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

“Pela linguagem, como distinguis um doidivanas de um homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores não se contradizem nunca e só dizem coisas aproveitáveis. Só querem o bem, que lhes constitui a única preocupação.”

“Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o influxo das idéias materiais; seus discursos se ressentem da ignorância e da imperfeição que lhes são características. Somente aos Espíritos superiores é dado conhecer todas as coisas e julgá-las desapaixonadamente.”

2ª A ciência é sempre sinal certo de elevação de um Espírito?

“Não, porquanto, se ele ainda está sob a influência da matéria, pode ter os vossos vícios e prejuízos. Há pessoas que, neste mundo, são excessivamente invejosas e orgulhosas; julgais que, apenas o deixam, perdem esses defeitos? Após a partida daqui, os Espíritos, sobretudo os que alimentaram paixões bem marcadas, permanecem envoltos numa espécie de atmosfera que lhes conserva todas as coisas más de que se impregnaram.

“Esses Espíritos semiperfeitos são mais de temer do que os maus Espíritos, porque, na sua maioria, reúnem à inteligência a astúcia e o orgulho. Pelo pretensão saber de que se jactam, eles se impõem aos simples e aos ignorantes, que lhes aceitam sem exames as teorias absurdas e mentirosas. Embora tais teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal passageiro, pois que entram a marcha do Espiritismo e os médiuns voluntariamente se fazem cegos sobre o mérito do que lhes é comunicado. Esse um ponto que demanda grande estudo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns. Para distinguir o verdadeiro do falso é que cumpre se faça convergir toda a atenção.”

3ª Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos, ou de personagens conhecidas. Que se deve pensar a esse respeito?

“Nem todos os nomes de santos e de personagens conhecidas bastariam para fornecer um protetor a cada homem. Entre os Espíritos, poucos há que tenham nome conhecido na Terra. Por isso é que, as mais das vezes, eles nenhum nome declinam. Vós, porém, quase sempre quereis um nome; então, para vos satisfazer, o espírito toma o de um homem que conhecestes e a quem respeitais.”

4ª O uso desse nome não pode ser considerado uma fraude?

“Seria uma fraude da parte de um Espírito mau, que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que assim procedam os Espíritos da mesma categoria, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos.”

5ª Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito mesmo, ou a alma, do apóstolo que teve esse nome?

“Exatamente, porquanto há milhares de pessoas às quais foi dito que têm por anjo guardião São Paulo, ou qualquer outro. Mas que vos importa isso, desde que o Espírito que vos protege é tão elevado quanto São Paulo? Eu já o disse: como precisais de um nome, eles tomam um para que os possais chamar e reconhecer, do mesmo modo que tomais os nomes de batismo para vos distinguides dos outros membros da vossa família. Podem, pois, tomar igualmente os dos arcanjos Rafael, Miguel, etc., sem que daí nada de mais resulte.

“Acresce que, quanto mais elevado é um Espírito, tanto mais dilatada é a sua irradiação. Segue-se, portanto, que um Espírito protetor de ordem muito elevada pode ter sob a sua tutela centenas de encarnados. Entre vós, na Terra, há notários que se encarregam dos negócios de cem e duzentas famílias; por que haveríeis de supor que menos aptos fôssemos nós, espiritualmente falando, para a direção moral dos homens, do que aqueles o são para a direção material de seus interesses?”

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

6ª Por que é que os Espíritos que se comunicam tomam frequentemente nomes de santos?

“Identificam-se com os hábitos daqueles a quem falam e adotam os nomes mais apropriados a causar forte impressão nos homens por efeito de suas crenças.”

7ª Quando evocados, os Espíritos superiores vêm sempre em pessoa, ou, como alguns o supõem, se fazem representar por mandatários incumbidos de lhes transmitir os pensamentos?

“Por que não virão em pessoa, se o podem? Se, porém, o Espírito evocado não pode vir, o que se apresenta é forçosamente um mandatário.”

8ª E o mandatário é sempre suficientemente esclarecido para responder como faria o Espírito que o envia?

“Os Espíritos superiores sabem a quem confiam o encargo de os substituir. Além disso, quanto mais elevados são os Espíritos, mais se confundem pela comunhão dos pensamentos, de tal sorte que, para eles, a personalidade é coisa indiferente, como o deve ser também para vós. Julgais, então, que no mundo dos Espíritos superiores não haja senão os que conhecestes na Terra, como capazes de vos instruírem? De tal modo sois propensos a considerar-vos como os tipos do universo, que sempre supondes nada mais haver fora do vosso mundo. Em verdade vos assemelhais a esses, selvagens que, nunca tendo saído da ilha em que habitam, creem que o mundo não vai além dela.”

9ª Compreendemos que seja assim, quando se trate de um ensino sério; mas, como permitem os Espíritos superiores que outros, de baixo estalão, adotem nomes respeitáveis, para induzirem os homens em erro, por meio de máximas não raro, perversas? “Não é com a permissão dos primeiros que estes o fazem. O mesmo não se dá entre vós? Os que desse modo enganam os homens serão punidos, ficai certos, e a punição deles será proporcionada à gravidade da impostura. Ao demais, se não fôsseis imperfeitos, não teríeis em torno de vós senão bons Espíritos; se sois enganados, só de vós mesmos vos deveis queixar. Deus permite que assim aconteça, para experimentar a vossa perseverança e o vosso discernimento e para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazeis, é que não estais bastante elevados e precisais ainda das lições da experiência.”

10ª Não sucede que os Espíritos pouco adiantados, porém, animados de boas intenções e do desejo de progredir, se veem designados às vezes para substituir um Espírito superior, a fim de que tenham o ensejo de se exercitarem no ensinar aos seus irmãos?

“Nunca, nos grandes centros; quero dizer, nos centros sérios e quando se trate de ministrar um ensinamento geral. Os que aí se apresentam o fazem por sua própria conta, para, como dizeis, se exercitarem. Por isso é que suas comunicações, ainda que boas, trazem o cunho da inferioridade deles. Delegados só o são para as comunicações pouco importantes e para as que se podem chamar pessoais.”

11ª Nota-se que, às vezes, as comunicações espíritas ridículas se mostram entremeadas de excelentes máximas. Como explicar esta anomalia, que parece indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos?

“Os Espíritos maus, ou levianos, também se metem a enunciar sentenças, sem lhes perceberem bem o alcance, ou a significação. Entre vós, serão homens superiores todos os que as enunciam? Não; os bons e os maus Espíritos não andam juntos; pela uniformidade constante das boas comunicações é que reconheceréis a presença dos bons Espíritos.”

12ª Os Espíritos que nos induzem em erro procedem sempre cientes do que fazem? “Não; há Espíritos bons, mas ignorantes e que podem enganar-se de boa-fé. Desde que tenham consciência da sua ignorância, convém nisso e só dizem o que sabem.”



## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

13ª O Espírito que dá uma comunicação falsa sempre o faz com intenção maléfica? “Não; se é um Espírito leviano, diverte-se em mistificar, sem outro intuito.”

14ª Podendo alguns Espíritos enganar pela linguagem de que usam, segue-se que também podem, aos olhos de um médium vidente, tomar uma falsa aparência? “Isso se dá, porém, mais dificilmente. Todavia, só se verifica com um fim que os próprios Espíritos maus desconhecem. Eles então servem de instrumentos para uma lição... O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem, ou escrevem sob a influência deles. Podem os Espíritos levianos aproveitar-se dessa disposição, para o enganar, por meio de falsas aparências; isso depende das qualidades do Espírito do próprio médium.”

15ª Para não ser enganado, basta que alguém esteja animado de boas intenções? E os homens sérios, que não mesclam de vã curiosidade seus estudos, também se acham sujeitos a, ser enganados?

“Evidentemente, menos do que os outros; mas, o homem tem sempre alguns pontos fracos que atraem os Espíritos zombeteiros. Ele se julga forte e muitas vezes não o é. Deve, pois, desconfiar sempre da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Ninguém leva bastante em conta estas duas causas de queda, de que se aproveitam os Espíritos que, lisonjeando as manias, têm a certeza do bom êxito.”

16ª Por que permite Deus que maus Espíritos se comuniquem e digam coisas ruins? “Ainda mesmo no que haja de pior, um ensinamento sempre se colhe. Toca-vos saber colhê-lo. Mister se faz que haja comunicações de todas as espécies, para que aprendais a distinguir os bons Espíritos dos maus e para que vos sirvam de espelho a vós mesmos.”

17ª Podem os Espíritos, por meio de comunicações escritas, inspirar desconfianças infundadas contra certas pessoas e causar dissídios entre amigos?

“Espíritos perversos e invejosos podem fazer, no terreno do mal, o que fazem os homens. Por isso é que estes devem estar em guarda. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados, quando têm de censurar; nada de mal dizem: advertem cautelosamente. Se querem que, no interesse delas, duas pessoas deixem de ver-se, darão causa a incidentes que as separarão de modo todo natural. Uma linguagem própria a semear a discórdia e a desconfiança é sempre obra de um mau Espírito, qualquer que seja o nome com que se adorne. Assim, pois, usai de muita circunspeção no acolher o que de mal possa um Espírito dizer de um de vós, sobretudo quando um bom Espírito vos tenha falado bem da mesma pessoa, e desconfiai também de vós mesmos e das vossas próprias prevenções. Das comunicações dos Espíritos, guardai apenas o que haja de belo, de grande, de racional, e o que a vossa consciência aprove.”

18ª Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, parece legítimo concluir-se que nunca estaremos certos de ter a verdade?

“Não é assim, pois que tendes um juízo para as apreciar. Pela leitura de uma carta, sabeis perfeitamente reconhecer se foi um tipo sem educação, ou um homem bem-educado, um néscio ou um sábio que a escreveu; por que não podereis conseguir isso, quando são os Espíritos que vos escrevem? Ao receberdes uma carta de um amigo ausente, que é o que vos assegura que ela provém dele?

“A caligrafia, direis; mas, não há falsários que imitam todas as caligrafias; tratantes que podem conhecer os vossos negócios? Entretanto, há sinais que não vos permitirão qualquer equívoco. O mesmo sucede com relação aos Espíritos. Figurai, pois, que é um amigo quem vos escreve, ou que ledes a obra de um escritor, e julgai pelos mesmos processos.”

19ª Poderiam os Espíritos superiores impedir que os maus Espíritos tomassem falsos nomes? “Certamente que o podem; porém, quanto piores são os Espíritos, mais obstinados se mostram e muitas vezes resistem a todas as injunções. Também é preciso saibais que há pessoas pelas

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

quais os Espíritos superiores se interessam mais do que outras e, quando eles julgam conveniente, as preservam dos ataques da mentira. Contra essas pessoas os Espíritos enganadores nada podem.”

20ª Qual o motivo de semelhante parcialidade?

“Não há parcialidade, há justiça. Os bons Espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente da faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. Dão a esses, suas preferências e os secundam; pouco, porém, se incomodam com aqueles, junto dos quais perdem o tempo em belas palavras.”

21ª Por que permite Deus que os Espíritos cometam o sacrilégio de usar falsamente de nomes venerados? “Poderias também perguntar por que permite Deus que os homens mintam e blasfemem. Os Espíritos, assim como os homens, têm o seu livre-arbítrio para o bem, tanto quanto para o mal; porém, nem a uns nem a outros a justiça de Deus deixará de atingir.”

22ª Haverá fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?

“Fórmula é matéria; muito mais vale um bom pensamento dirigido a Deus.”

23ª Dizem alguns Espíritos disporem de sinais gráficos inimitáveis, espécies de emblemas, pelos quais podem ser conhecidos e comprovarem a sua identidade; é verdade?

“Os Espíritos superiores nenhum outro sinal têm para se fazerem reconhecer além da superioridade das suas idéias e de sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, esses se traem de tantos modos, que fora preciso ser cego para deixar-se iludir.”

24ª Não podem também os Espíritos enganadores contrafazer o pensamento?

“Contrafazem o pensamento, como os cenógrafos contrafazem a Natureza.”

25ª Parece assim fácil sempre descobrir-se a fraude por meio de um estudo atento? “Não o duvides. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas, é preciso ter olhos de mercador de diamantes, para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe distinguir a pedra fina da falsa se dirige ao lapidário.”

26ª Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as idéias, que mesmo tomam idéias falsas e vulgares por sublimes. Como podem essas pessoas, que não estão aptas a julgar as obras dos homens, julgar as dos Espíritos?

“Quando essas pessoas são bastante modestas para reconhecer a sua incapacidade, não se fiam de si mesmas; quando por orgulho se julgam mais capazes do que o são, trazem consigo a pena da vaidade tola que alimentam. Os Espíritos enganadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras, que têm finura e saber. Lisonjeando-lhes as paixões, fazem eles do homem o que querem.”

27ª Na escrita, dar-se-á que os maus Espíritos algumas vezes se traiam por sinais materiais involuntários? “Os hábeis, não; os desazados se desencaminham. Todo sinal inútil e pueril é indício certo de inferioridade. Coisa alguma inútil fazem os Espíritos elevados.”

28ª Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam à aproximação deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar são sempre indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam? “O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que dele se aproxima. Quando ditoso, o Espírito é tranquilo, leve, refletido; quando infeliz, é agitado, febril, e essa agitação se transmite naturalmente ao sistema nervoso do médium. Em suma, dá-se

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

o que se dá com o homem na Terra: o bom é calmo, tranquilo; o mau está constantemente agitado.”

Nota. Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade nervosa, pelo que a agitação não se pode considerar como regra absoluta. Aqui, como em tudo, devem ter-se em conta as circunstâncias. O carácter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, porquanto, se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, nada ou muito pouco a proximidade deste o afetarão. Todavia, é preciso se não confunda a rapidez da escrita, que deriva da extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contacto dos Espíritos imperfeitos.

**Crônicas e Artigos**

103 – 19/04/2009

Consolador – (Rogério Coelho)

**III. Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos**

**Natureza e identidade dos Espíritos**

“A melhor de todas as provas de identidade dos Espíritos está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas” (Allan Kardec). (1)

Disse Jesus que uma árvore se deixa conhecer pelos seus frutos, não podendo uma árvore má dar bons frutos nem uma árvore boa dar maus frutos.

O “discípulo amado” recomendou – explicitamente – que não podemos jamais descurar de “experimentar se os Espíritos são de Deus”, numa clara alusão ao cuidado que devemos ter quando caminhamos portas adentro do Espiritismo prático. Nessa delicada e especialíssima área, a mistificação, o engodo e os alçapões armados pelos inimigos da luz são terríveis, porém, evitáveis escolhos.

Aprendemos com o Mestre Lionês que: (2)

“se a fidelidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. Pode ser-nos indiferente a individualidade deles; **suas qualidades, nunca.**”

Já dissemos que os Espíritos devem ser julgados, como os homens, pela linguagem de que se utilizam. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas. Pelo estilo, pelas idéias, por uma imensidade de indícios, enfim, verificará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, levianas, sentimentais etc. Assim, também, com os Espíritos. Devemos considerá-los correspondentes que nunca vimos e procurar conhecer o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse tais coisas.

Pode estabelecer-se como regra invariável e sem exceção que: a linguagem dos Espíritos está sempre em relação com o grau de elevação a que já tenham chegado. Os Espíritos realmente superiores não só dizem unicamente coisas boas, como também as dizem em termos isentos, de modo absoluto, de toda trivialidade. (...) Mesmo entre os adeptos do Espiritismo, a questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas. Os Espíritos não têm “R.G.” ou “C.P.F.” e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomaram nomes que não lhes pertenciam. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Há uma distinção que importa fazer: à medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, os caracteres distintivos de suas personalidades se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição; nem por isso, entretanto, conservam eles menos suas individualidades. Nesse passo, os nomes que tiveram na Terra, em suas inumeráveis reencarnações, passam a ser coisa de absoluta insignificância. Dado, porém, que de nomes precisamos para fixarmos as nossas idéias, podem eles tomarem o de uma personagem conhecida, cuja natureza mais identificada seja com a deles. É assim que os nossos Amigos Espirituais se dão, às vezes, a se conhecer pelos nomes que nos são familiares, e geralmente pelo daquele que nos inspire mais simpatia. Segue-se daí que se um Espírito se dá a conhecer pelo nome de S. Pedro, por exemplo, na verdade, nenhuma garantia podemos ter que realmente trata-se desse Santo. Tanto pode ser ele, como um Espírito inteiramente desconhecido, mas pertencente à família dos Espíritos de que faz parte S. Pedro; e, assim, estar autorizado a falar em seu nome.

Agora, o caso muda, completamente, de figura, quando um Espírito de ordem inferior se adorna com um nome respeitável, para que suas palavras mereçam crédito e este caso é de tal modo

## **O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)**

frequente que toda precaução não será demasiada contra semelhantes substituições. Graças a esses nomes de empréstimo, e sobretudo com o auxílio da fascinação, que alguns Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram tornar aceitas as mais ridículas idéias.

A questão da identidade é, como dissemos, quase indiferente quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores consequências. Ora, desde que o ensino seja bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro ou Paulo.

**O julgamento deve sempre ter por base a qualidade e não as insígnias do Espírito.**

Para que nosso trânsito pelo Espiritismo prático não se torne mera aventura de consequências imprevisíveis, faz-se mister conscientizarmo-nos da seriedade desse assunto, e, por assim considerá-lo, Allan Kardec desenvolveu em cinquenta e sete parágrafos, no capítulo vinte e quatro, de “**O Livro dos Médiuns**”, itens 267 e 268, importantíssimas questões que, ignoradas, certamente nos envolverão em verdadeiros e caudalosos desastres no mister mediúnico.

Finalizemos com uma importante observação de São Luís (3):

“Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, uma recomendação há que nunca será demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: é a de meditar, é a de submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes; é a de não deixardes de pedir explicações necessárias a formardes opinião segura, desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro”.

### **Referências:**

- (1) **Kardec** Allan, O Livro dos Médiuns, (Capítulo XXIV, item 260.)
- (2) **Kardec** Allan, O Livro dos Médiuns, (Capítulo XXIV, itens 255, 256, 262 e 263.)
- (3) **Kardec** Allan, O Livro dos Médiuns, (Capítulo XXIV, item 266.)

**Identificação das fontes de comunicação**

**A identidade mais difícil de conseguir é a dos Espíritos de personalidades antigas**

1. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, porque os Espíritos não nos podem apresentar documento de identidade e alguns deles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Por essa razão, esta é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático, embora constitua, em muitos casos, uma questão secundária e sem real importância.

2. Coisa bem diferente é aquilatar o valor dos Espíritos e, para isso, não há outro critério, senão o bom senso. Os Espíritos superiores usam constantemente uma linguagem nobre, digna, repassada da mais alta moralidade, enquanto que a linguagem dos Espíritos inferiores é inconsequente, amiúde trivial e até grosseira. O Espiritismo ensina que os Espíritos comunicantes devem ser identificados por suas ideias e pela essência espiritual de suas palavras, tanto quanto pelos sentimentos que inspiram e pelos conselhos que dão.

3. Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente, de um parente ou de um amigo, sucede geralmente que sua linguagem se revele de acordo com o caráter que ele tinha aos nossos olhos, quando encarnado, o que constitui indício importante de identificação.

4. A identidade dos Espíritos de personalidades antigas é mais difícil de conseguir, e às vezes torna-se impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral, contrariamente ao que se dá quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos são conhecidos.

**Devemos submeter as comunicações a uma análise escrupulosa**

5. As provas mais completas de identidade são muitas vezes fornecidas por Espíritos desconhecidos do médium e dos assistentes, os quais indicam elementos de identificação que um exame posterior comprova serem exatos.

6. O Codificador do Espiritismo dedicou o cap. XXIV, 2ª parte, itens 255 a 268 d' O Livro dos Médiuns, ao trato da identidade dos Espíritos. Eis um resumo do que ele escreveu sobre o assunto:

a) depois da obsessão, a questão da identidade dos Espíritos é uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático;

b) muitos Espíritos superiores que se podem comunicar não possuem um nome para nós;

c) a identidade se torna mais fácil quando se trata de Espíritos contemporâneos;

d) as provas da identidade surgem naturalmente;

e) a semelhança da caligrafia e da assinatura é uma prova relativa;

f) a melhor prova de identidade está na linguagem e nas circunstâncias, mas não na forma da linguagem e sim no seu conteúdo, pois jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude: sempre em algum lugar aparecerá o sinal da impostura;

g) a identidade dos Espíritos pode ser considerada uma questão acessória, mas a distinção entre bons e maus Espíritos não o é;

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXIV)

h) julgamos os Espíritos pelo conteúdo de sua linguagem: tudo o que, na sua linguagem, revela falta de bondade ou benevolência não pode vir de um bom Espírito;

i) inteligência não é sinal certo de superioridade, porque a inteligência e a moral nem sempre caminham juntas;

j) os sinais dos Espíritos elevados são a superioridade de suas ideias e de sua linguagem.

7. Kardec recomenda-nos que devemos submeter todas as comunicações a uma análise escrupulosa, examinando atentamente o pensamento e as expressões e rejeitando, sem hesitar, tudo o que peca contra a lógica e o bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que se pretende passar por uma entidade elevada. Afirma o Codificador: “Repetimos que este meio é o único, porém é infalível, porque não existe uma comunicação má que possa resistir a uma crítica rigorosa” (“O Livro dos Médiuns”, cap. XXIV, item 266).

8. No cap. XXIV, item 267, da mesma obra, o Codificador arrola 26 princípios fundamentais para se reconhecer a qualidade dos Espíritos comunicantes, princípios esses que médiuns e dirigentes de grupos mediúnicos deveriam ter sempre presentes em seus estudos.

### **É possível reconhecer os bons Espíritos pela impressão que nos causam**

9. É preciso entender que nem sempre é importante identificar os Espíritos que se comunicam nas sessões. Quando estamos em uma reunião de desobsessão ou de esclarecimento a desencarnados, não há, quase sempre, necessidade de levantar-se a identidade do Espírito sofredor, que, na maioria das vezes, encontra-se em estado de grande perturbação espiritual, sendo por isso reprovável em tais casos a prática de se pedir a eles o nome, tanto quanto outros pormenores para a sua identificação.

10. As entidades espirituais que habitualmente se comunicam conosco acabam por tornar-se conhecidas e queridas, a ponto de serem consideradas membros da equipe. Quando se manifestam, são reconhecidas pelo seu modo de falar, pelo estilo e pelo conteúdo da mensagem.

11. Se se comunicam por outros médiuns, podem sofrer a influência do clima mental do intermediário. A interferência do médium na comunicação é muito grande. A filtragem mediúnica pode processar-se, dependendo do médium, com maior ou menor autenticidade, tendo em vista a diversidade de aptidões e recursos que os médiuns apresentam.

12. De um modo geral podemos distinguir, através da sensibilidade mediúnica, o grau de evolução das entidades desencarnadas, que nos passam sensações agradáveis ou desagradáveis. Ensina Kardec: “Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam à sua aproximação”. Quando o Espírito é feliz, seu estado é tranquilo, leve, calmo; quando é infeliz, é agitado, febril, e esta agitação passa naturalmente para o sistema nervoso do médium. Se a visita do Espírito ao grupo se repete, isso nos dá condições de, com o tempo e a prática, identificá-lo pelas sensações que causa à sua aproximação.